



OLHARES DISCENTES SOBRE O ENSINO REMOTO: VOZES QUE RESSOAM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jusceli Maria Oliveira de Cardoso¹

Levi Menezes Varjão²

Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva³

RESUMO

Trata-se de um artigo produzido a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com formato de estudo de campo edificado ao longo dos meses de abril a agosto do ano de 2020, tendo como colaboradores um grupo de vinte e cinco discentes, escolarizados em duas escolas públicas na Bahia. Considerando-se o contexto da pandemia, a coleta de dados se deu por intermediação tecnológica, utilizando-se grupos e redes sociais. O estudo teve como objetivos registrar a situação atípica vivida nas escolas, refletir sobre o desenho da oferta do ensino remoto, tendo como interlocutores os discentes. O estudo se justificou por evidenciar as percepções dos discentes sobre o ensino remoto construído pelas escolas, pontuando as demandas viabilizadas para manutenção da oferta do ensino, mesmo em face dos dias atípicos, emoldurados pela pandemia, que assola os dias contemporâneos em solo brasileiro.

Palavras-chave: Pandemia, Ensino remoto, Educação. Discentes.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata como temática nuclear uma discussão emergente, no cenário dos dias demarcados pela questão da pandemia provocada pela disseminação do novo corona vírus: como oferecer o ensino para os discentes, em razão das escolas terem sido fechadas. O debate que alimentou a escrita se consolidou a partir da polêmica nacional que foi se desenhando, na proporção que os dias de pandemia avançaram no calendário oficial do Brasil, tomando uma proporção nunca vista, na história da educação nacional brasileira.

¹ Doutora em Educação-Uninter Py, Docente da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, CAMPUS XI, e mail: jcardoso@uneb.br- Coautora

² Doutor em Educação-Uninter-Py, Docente da Secretaria de Educação do Estado da Bahia- E mail: lmvarjao@uol.com.br- Autor.

³ Doutora em Educação-Uninter Py-Analista Universitária-UNEB, CAMPUS XI, Docente da Educação Especial. E mail: marajesu@gmail.com- Coautora



Com o decreto da pandemia, em março do ano de 2020, escolas fecharam suas portas, portões, deixando uma população de discentes atônita em face do inusitado: E agora? De que modo, oferecer educação sem a possibilidade da escola? Como seriam operacionalizadas as ações educativas? Para onde irão os jovens, adolescentes e crianças?

Diante de tantas indagações, começam a se desenhar proposições de oferta, agora com proposição de um novo formato, que rapidamente foi nomeado de “ensino remoto”. Sendo assim, com trânsito nas escolas de educação básica, por sermos docentes atuantes na dimensão sócio educativa junto a jovens do ensino médio, em cidades baianas, fomos surpreendidos por uma avalanche de dificuldades inerentes a reorganização da oferta das aulas, agora necessariamente reconfiguradas pelo desenho a distância.

Polêmicas intensas são travadas, entre educadores e gestores, que, no limite do espaço virtual, munidos de novas arenas de contato, dialogaram e iniciaram, mesmo de que de modo tímido, iniciativas de ensino remoto, com ações pontuais, evidenciando uma realidade terrivelmente incontestável: A pandemia nos mostrou de modo incontestável, o quanto as nossas escolas ainda estão distantes de modelos híbridos, da imersão e educação tecnológica.

Professores, tiveram que, as pressas, organizar novos projetos, novos arranjos e novos caminhos para construir a oferta da educação. Neste sentido, diante de tal realidade, nos mobilizamos, através do grupo de estudos, GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias e Educação e Libras, da UNEB-Universidade do Estado da Bahia, a edificar um estudo sobre o que os discentes perceberam e quais suas percepções quanto a oferta do ensino remoto.

Nossos objetivos, além de registrar a situação atípica vivida nas escolas, quando da pandemia, refletir sobre o desenho da oferta do ensino remoto, tendo como interlocutores os discentes. Nosso intento foi evidenciar as percepções dos discentes sobre o ensino remoto construído pelas escolas, as demandas e as possibilidades viabilizadas para manutenção da oferta do ensino, mesmo em face dos dias atípicos, emoldurados pela pandemia, que assola os dias contemporâneos em solo brasileiro.



Para tanto, efetivamos um estudo de cunho qualitativo, de desenho metodológico alicerçado na perspectiva da colaboratividade, tendo como contexto de interlocução as redes sociais e principais colaboradores, um grupo de estudantes do ensino médio, de duas escolas públicas: uma situada na cidade de Salvador e outra em Serrinha. A coleta de dados se processou por meio da escuta e da entrevista virtual, uma vez que, dada a questão sanitária, não pudemos interagir de modo presencial com os interlocutores do estudo. Assim, após participar de redes sociais, ouvindo e analisando as falas dos discentes, pudemos evidenciar que:

REFLEXÃO TEÓRICA

Ensino remoto? O que é isso?

Tradicionalmente, ao longo dos anos, o ofício da docência se consolida pela relação pessoal e presencial, sendo necessária a presença de pelo menos um docente e o coletivo de discentes em uma ambiência instituída: a sala de aula.

Historicamente, a definição da docência como atividade sistematizada e orientada por princípios didáticos se consolidou como um processo em constante movimento, suscitando debates e profusão de posições, as quais se consubstanciaram por paradigmas, os quais se constituíram sob vários vértices, ao longo dos tempos.

As posições teóricas, refletidas cientificamente quanto ao processo de ensinar e aprender se entrelaçam, na construção de posições teórico-metodológicas que orientam o fazer docente. Posições que se firmaram com traços tradicionais, tecnicistas, humanistas, sociointeracionistas emergem, produzindo um conjunto vasto de abordagens norteadoras dos atos da docência, como ação pensada, organizada e sistematizada.

Cada paradigma educacional, com suas vertentes, edifica premissas as quais orientam as práticas de ensino nas escolas, sendo que, de um modo mais corriqueiro, temos a cena tradicional, de uma sala de aula, com carteiras, alunos e professores, livros dentre outros elementos que integram a paisagem da docência. Entretanto, de uma hora para outra, essa cena pedagógica é *deletada*, e no lugar, emerge um silêncio eloquente, da escola vazia.



Professores precisaram parar com a docência presencial, e pensar em novas formas de gerenciar o ensino: Neste contexto, emergem debates imperiosos quanto ao formato Educação a distância- EaD⁴, demandas e possibilidades de tal modelagem de ensino. Entretanto, no bojo da salutar discussão sobre o desenho EaD, eclodiram também confusões conceituais e, obviamente metodológicas, no sentido do emparelhamento do ensino remoto com EaD. Mas, algumas indagações emergem: Ensino remoto seria o mesmo que ensino EaD? Do que se trata o ensino remoto? Quais diferenças entre o ensino remoto e a EaD?

Diante das indagações, floresce a necessidade do diálogo com autores sobre o conceito e características da nova modalidade de ensino emergente no cenário da pandemia: a oferta da educação remota.

Neste sentido, torna-se crucial entenderemos algo essencial: Não podemos considerar o ensino remoto como um sinônimo da EaD, justamente porque são dois desenhos distintos, desde a concepção, diretrizes, currículos e projetos de cursos. Ou seja, no traçado EaD, há toda uma concepção desenhada para dimensão da oferta em ambientes virtuais e presenciais (no caso da oferta semipresencial), formação dos educadores, concepção de metodologias específicas, produção de conteúdos e objetos de aprendizagens, “uma vez que o EAD foi desenhado para prestar atendimento, aplicar atividades, aulas e outras demandas em um ambiente de aprendizado, com apoio de tutores e recursos tecnológicos que favorecem o ensino”(DAROS,2020, p.2)

Já o ensino remoto, se converte numa transposição do modelo presencial, para um desenho de oferta em que os interlocutores do processo (docentes e discentes) não se encontram no mesmo espaço físico. Neste aspecto, aulas em oferta remota, ao nosso olhar, não podem ser entendidas como uma modalidade de ensino, uma vez que não foram pensadas por meio de um currículo, um projeto de curso desenhado e articulado, não tem traçado metodológico, tampouco suportes pedagógicos para ser assim, consolidado como modalidade. Ao contrário, a oferta remota, nos dias de pandemia, se constituiu numa resposta rápida a uma demanda do mundo real imposta pela pandemia.

Trata-se pois, das aulas pensadas pela abordagem presencial e “adaptadas” de modo rápido, para chegaram aos discentes por meio de plataformas de comunicação

⁴ Na literatura científica, temos percebido o uso da Sigla referente a educação a distância de vários formatos no âmbito do registros. Neste texto optamos por usar a sigla EaD.



virtuais. Neste sentido, abrem-se arestas, lacunas metodológicas preocupantes, em razão do objetivo maior de todo ato educativo: a aprendizagem dos sujeitos envolvidos na dinâmica.

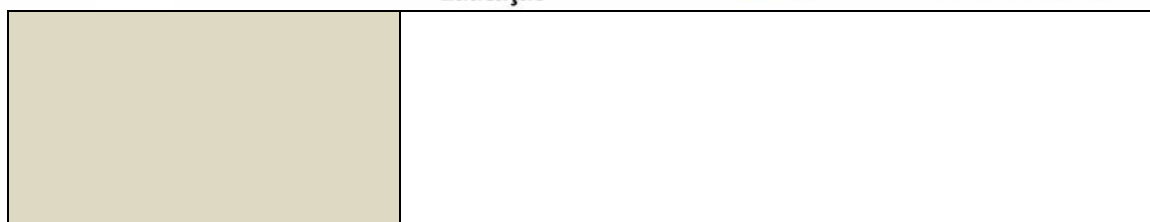
As **atividades remotas** e as **atividades EAD** não podem ser compreendidas como se fossem sinônimas. Atividade remota significa a realização de uma atividade pedagógica de forma temporária e utilizada pontualmente, com o uso da internet, com a finalidade de minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes advindos de sistema de ensino originalmente presencial, aplicadas neste momento de crise.(DAROS, 2020, p.1

Entretanto, a arquitetura do ensino remoto, continua sendo pautada pelo desenho presencial, o que nos permite refletir, que o remoto, nada mais é do que uma transposição emergencial, para oferta por intermediação tecnológica em razão, por exemplo, de intempéries naturais, ou mesmo episódios de pandemias, como ocorre, no Brasil, nos dias contemporâneos.

Dito isso, podemos perceber elementos distintivos entre os modelos de oferta EaD e remoto, sendo eu elaboramos um quadro síntese pontuando as principais características do ensino em oferta remota.

Fig.1.Quadro síntese- Ensino Remoto

Ensino remoto	Características
	<ol style="list-style-type: none"> 1.Situação temporária, 2.Contínuo de atividades pedagógicas, 3.Minimizam impactos da não <i>presencialidade</i>, 4.Ferramentas de intermediação tecnológica substituem “a aula”, 5.Ensino originalmente planejado para o presencial, 6.Solução rápida substitutiva da aula presencial, 7.Usada pra uma escala de tempo curta, 8.Não tem um desenho de projeto original, 9.Não tem estrutura metodológica de suporte, 10.Reproduzem o “presencial” 11.Não têm um ambiente virtual de aprendizagem previamente elaborado, 12.É o ensino presencial implantado por meio de um suporte virtual



Fonte: Pesquisadores, 2020

Nesse exercício dialógico, vamos encontrar respaldo na discussão sobre a distinção entre educação EaD e a oferta de aulas remotas. De acordo com Silva:

[...] emerge a educação traçada na modalidade a distância, como alternativa coerente com a realidade vivida por vários sujeitos que, por inúmeros motivos, não tem condições de acesso a educação formal. Apesar da EAD não se consistir uma inovação na modalidade de ensino, a mesma vem tendo uma expansão muito grande e recebendo um amplo destaque no panorama educacional como um meio de difusão da educação e também da inclusão social, uma vez que, ao reduzir as distâncias, facilita o acesso ao conhecimento. É possível, dessa maneira, atingir um grande número de pessoas, graças ao uso das (TICs) - Tecnologias de Informação e Comunicação. (SILVA, 2018, p.10)

Já a oferta de aulas remotas, não se configura como modalidade de ensino. Trata-se pois, de uma forma de continuar as aulas, originalmente desenhadas pela concepção presencial, adaptadas devido a questões externas, para a mediação tecnológica, mas com traçado e concepção na sala de aula presencial. Neste aspecto, nota-se que aula remota é apenas uma simplificação, pautada na transmissão da aula, que seria presencial, para outro canal: que pode ser um aplicativo, plataformas de conexão virtuais dentre outros. Não há, assim, um ambiente virtual de aprendizagem, e mesmo recursos, atividade, apoios, suporte de tutores dentre outros.

Tal realidade, constituída pela pandemia do *Covid*, nos convida e repensar a educação, por outros caminhos e outros meios, traduzindo o que, contemporaneamente se denominou de ensino remoto. Segundo **Danilo Zajac (2020)**

No Brasil, muitas redes de ensino têm optado pela modalidade de ensino remoto, numa espécie de educação à distância (EaD) improvisado, produzindo materiais às pressas para que os alunos possam estudar em suas casas, envolvendo professores na gravação de vídeo-aulas e transmissões ao vivo em múltiplas plataformas virtuais. Essas ações podem até ser vistas com bons olhos pela opinião pública, mas até onde essa variação barateada de EaD pode garantir a oferta e a qualidade de cursos que até então eram presenciais?(ZAJAC,2020, p.1)



Embora, feitas as ressalvas, sobre o processo de alijramento, como as aulas remotas estão se processando, em tempo real, no país, há que se pondera também sobre a urgência da situação, a qual fomos submetidos, docentes e discentes no que concerne a tentativa de manter as relações de ensino e aprendizagem, em movimento ativo, dada a contextualização dos dias pandêmicos .Para Furno:

Comunidades em redes sociais, grupos do WhatsApp... Apesar de informais, podem ser canais de comunicação que mantêm a rede de professores e alunos conectadas. Considerando que os planos de aula e ensino já estejam estruturados, é mais fácil estabelecer estratégias de aula e aprendizagem remotas. A curadoria, no caso das organizações que não tenham materiais didáticos estruturados, também será de grande valia.(FURUNO, 2020, p.3)

Isto na verdade, nos remete a pensar sobre a necessidade da educação, como um todo, repensar modelos, desenhos de ofertas, sinalizando-se para a incontornável realidade: educação precisa pensar em novos caminhos, novas alternativas para a oferta da educação, para que, em outros futuros, não sejamos surpreendidos e movidos pela improvisação de aulas, aparelhos, suportes, sobrecarregando os educadores e os educandos, numa tarefa hercúlea, de na correria, edificar estratégias para conexão e manutenção da aula. Ademais, em que sejam consideradas as críticas, Daros (2020) nos lembra:

Considerando o cenário atual, de expansão e quarentena devido ao coronavírus, o **uso remoto ou modalidade EAD são alternativas essenciais** para garantir a apropriação dos conhecimentos, mantendo o estudante em permanente contato com a instituição de ensino durante este período afastamento ao convívio social tão necessário. (DAROS, 2020, p.2)

Não podemos deixar de ponderar que o cenário vivenciado nos dias contemporâneos de pandemia, é grave, demandando de todos força, coragem e tomadas de decisões. Decidir pela aula remota, talvez, foi o único caminho plausível para continuarmos com a atividade de ensino, para muitos brasileiros dados as condições sanitárias. Entretanto, tal realidade também nos acena para as profundas desigualdades sociais e a exclusão digital, agora mais evidentes do que nunca, externadas pelo grito dos estudantes e dos professores, que estão distantes da possibilidade de ter dispositivos



mesmo acesso digno a redes , internet e mesmo a aparelhos tecnológicos para construção da aprendizagem por meio digital.

METODOLOGIA

O exercício da pesquisa torna-se crucial no campo da educação, pois através do exercício da investigação, podemos buscar compreender os fenômenos inerentes e emergentes no cenário educativo, interpretando-os e, obviamente, construindo caminhos e perspectivas para edificar o ato de ensino-aprendizagem de modo coerente e significativo para todos e todas as pessoas.

Neste sentido, o ato da pesquisa é inerente ao ato da docência, sendo busca constante de todo educador a busca incessante, a curiosidade que anima a prática e a faz construtiva e criativa. Deste modo, a pesquisa é inerente ao ser docente. E nesta seara, constatamos que o exercício da pesquisa exige dos estudiosos a elaboração do método, como caminho sistematizado, organizado que assegura atingir os objetivos anunciados pelo estudo.

No caso do estudo que alimentou a escrita deste artigo, optamos pela abordagem qualitativa como perspectiva teórica que norteou todas as etapas que constituíram a investigação. Optamos pelo estudo do tipo de campo, sendo considerado como ação de busca descritivo-interpretativa, uma vez que os objetivos pleiteados demandaram tal opção.

Logo, o nosso caminho metodológico demandou o uso das seguintes técnicas de coleta:

- a) Escuta sensível dos educandos;
- b) Entrevista semiestruturada, a qual se concretizou através da intermediação tecnológica em razão da pandemia. Utilizamos assim, o espaço de interlocução por meio de grupos de aplicativos de comunicação e redes/grupos de estudantes.

Obviamente, por serem adolescentes, todos/todas com autorização expressa dos responsáveis.

Assim, realizamos as entrevistas junto a grupo de estudantes, todos escolarizados no ensino médio, especificamente no contexto do terceiro ano. Ao todo foram



ouvidos vinte e cinco estudantes, ao longo dos meses de abril a agosto do ano de 2020.

Após a coleta de dados, os quais foram lidos e categorizados segundo as noções subsunçoras emergentes do processo analítico, pudemos organizar a discussão e as reflexões dos achados do estudo, o que apontamos na seção vindoura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Findo o processo de escuta, entrevistas, obtivemos um material fértil para proceder ao estudo analítico, em face dos objetivos do estudo: evidenciar as vozes dos discentes quanto a oferta das aulas remotas, oferecidas no período da pandemia.

Assim, selecionamos trechos subjetivos das falas dos estudantes, que nos forneceram fartos subsídios para o processo de discussão e constatações sobre o que pensam e sentem os estudantes, em face de pandemia e a educação no formato remoto.

O que disseram os estudantes sobre a pandemia

Indagados sobre as percepções quanto a pandemia, a maioria dos estudantes revela sensações e emoções diversas, entretanto a prevalência, foi de emoções como: medo, incertezas no futuro e sensação de solidão.

Sabe, eu me sinto sufocada. Todo dia, todo dia essa invasão de notícias ruim. Morte, medo e ninguém sabe nada direito. Assim: o governo (digo presidente) devia ir pra televisão orientar o povo, acalmar. Ao invés disso, temos brigas. Eu mesmo nem sei mais em quem acredito. (Discente x12, 2020)

A maioria dos estudantes, cerca de 90% do coletivo participante do estudo, revela dados expressivos:

- a) 80% - Moram em comunidades de periferia, distantes dos centros e do acesso a redes de computadores de qualidade;
- b) 100% - Usam pacotes de dados de operadoras para acesso a internet
- c) 90%-Não possuem dispositivos como desktop e notebooks para acesso a aulas remotas



d) 70%-Não têm facilidade / desconhecem aplicativos de comunicação síncrona (as plataformas virtuais que permitem interlocução síncrona de vários alunos e docentes ao mesmo tempo).

e) 70% - Revelam que, nunca houve nenhuma atividade na escola que os preparassem para o acesso, o estudo e intermediação de estudos por meio digital.

Eu estudo faz tempo na escola. Nunca teve nada mostrando pra gente como entrar no meet ou na sala virtual. Agora, de uma hora pra outra essa pandemia vai obrigar todo mundo a correr e ir entrar no google meet para poder ver se aprende a estudar por ali. Coitados dos professores. A maioria nem sabe nem ligar o computador. Nem sei mesmo como será isso. Acho que não será!
(Discente 11, 2020)

Esses breves recortes, pinçados da realidade, ao escutar um grupo de estudantes **terceiroanistas**, nos revelam situações potencialmente indicativas de barreiras para realização da aula remota, uma vez que a escola em si, tradicionalmente se esquivava de promover a imersão pedagógica dos sujeitos nos espaços tempos da internet. Ou seja, a escola se distancia e mantém em afastamento os discentes das possibilidades de imersão, construções e aprendizagem por meio da navegação pedagógica na internet.

Dado o teor presencial e o enfoque contínuo e sistemático das metodologias tradicionais pautadas na centralidade do discurso do professor como ato hegemônico da sala de aula, os discentes, se mantêm, na escola, afastados do potencial espaço-tempo de aprender por meio da pesquisa da imersão no ciberespaço.

Além disso, temos o processo nítido da exclusão digital desenhada nas falas e nas carências dos estudantes no que tange ao não acesso a internet e a poucas possibilidades de aquisição de dispositivos digitais.

Deste modo, percebemos com esses fragmentos da realidade, pinçados pela pesquisa, que temos uma fórmula perversa nesta equação, que revelará exclusão social e potencialmente, em tempos de pandemia, negação do direito dos estudantes a seguirem rotas alternativas para aprendizagem.

Seguindo nossa imersão dialogal, indagamos os estudantes Sobre as aulas remotas, o que iremos refletir na seção seguinte:

O que pensam sobre as aulas remotas



Em maioria, os estudantes se mostraram descrente das chamadas aulas remotas, sendo que evidenciaram que não surtirão efeito, pois segundo um discente:

Eu parei de entrar nas salas virtuais que abriram. Sabe por que? Por que não tem aula. Aula pra mim precisa do professor. Em pensar que eu tinha professores bons dando aula ali, ao vivo, pertinho de mim e muitas vezes eu não ligava. Como me arrependo! Que saudade até dos professores chatos. (Discente x7, 2020)

Esse depoimento nos chamou atenção pelo apelo que o estudante fez após a fala. Ele entrou em choro, o que nos emocionou bastante, quando se lembrou da escola, das aulas e das professoras, as quais ele se referiu como referência para vida.

Eu lembro dela (a pro Y) , que todo aula ela falava pra gente seguir em frente, não ter medo do futuro e estudar. Ela fazia de tudo pra gente escrever e prestar atenção, falava de tantos assuntos bons. Eu sinto demais a falta dela. Queria o tempo voltar. Eu já fiz até promessa, que eu vou ser outro aluno. Agora a pessoa so valoriza as coisas quando perde.(Discente x7, 2020)

Quando dialogamos sobre como as aulas remotas estão sendo oferecidas, alguns relatos nos chamaram atenção:

Né aula não. So postam lá atividades, trabalhos. Como vamos responder as tarefas sem a explicação da professora? Eu mesmo parei de fazer e mandei até uma mensagem para professor. Eu sei que ne culpa deles. Eles estão fazendo o que podem, coitados. Tem professor tadinho que nem sabe o que é um computador, que dirá dar aula pelo aplicativo.(Discente x4, 2020)

Novamente na percepção do estudante, a forte imagem da aula com a presencialidade, com o corpo físico do professor com principal agente de mediação vem á tona, nos revelando algo importante: o quanto a escola privilegia “a aula” no espaço hermético da sala. Ou seja, o quanto a escola ainda se distancia e, obviamente distancia os estudantes de outras possibilidades de estudar e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo feito nos alertou para a situação contextual da educação, em meio a uma pandemia, que nos colocou em situações jamais imaginadas. Isolamento social e fechamento das escolas nos impeliram a refletir sobre novas formas de oferta da



educação, o que nos remeteu a conhecer, pelo olhar dos discentes, a realidade de quem está do outro lado da aula remota: o estudante:

Em termos gerais, constatamos que os estudantes e os docentes, têm dificuldades de navegação, de acesso e de uso pedagógico das plataformas virtuais, pois, ao longo dos anos, a própria escola afastou de suas práticas, currículos e ações, atos de imersão pedagógicos votados para educação digital.

Em outras palavras, essa situação de pandemia, nos acorda para uma verdade inconveniente: Talvez seja hora, de estudar mais, aprender mais e abrir caminhos para o ensino híbrido?

REFERENCIAS

DAROS, Thuinie. **Covid-19 impulsiona uso de metodologias ativas no ensino a distância**, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-metodologias-ativas/>

ESPIRITO SANTO, <http://adufes.org.br/portal/comunicacao/outras-publicacoes/coronavirus/3409-pandemia-expoe-a-vocacao-excludente-da-educacao-nao-presencial-e-a-superexploracao-da-classe-trabalhadora.html>

FURUNO, Fernanda., **Coronavírus: Brasil está preparado para estudo remoto?**, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-brasil-estudo-remoto/>

PARANÁ, **Conheça a diferença entre ensino remoto e EAD**, 2020. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog>

ZAJAC. Danilo. **Ensino remoto na educação básica e Covid 19: Um agravamento ao direito a educação e outros impasses**, 2020, Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/epufabc/ensino-remoto-na-educacao-basica/#:~:text=No%20Brasil%2C%20muitas%20redes%20de,ao%20vivo%20em%20m%C3%BAltiplas%20plataformas>